

Relações discursivas de alteridade e corporificação:
Narrativas de ingleses no Brasil
Jamyllé Rebouças Ouverney-King (katze@terra.com.br)
(<http://lattes.cnpq.br/7400430658889149>)

"I don't drink coffee I take tea my dear I like my toast done on one side And you can hear it in my accent when I talk I'm an Englishman in New York I'm an alien I'm a legal alien I'm an Englishman in New York It takes a man to suffer ignorance and smile Be yourself no matter what they say"
Sting, *Englishman In New York*, 1987

RESUMO

Neste artigo exercito uma reflexão acerca da multifuncionalidade do corpo em associação com a produção discursiva enquanto expressões de linguagem, cultura e comunicação atemporal e sem fronteiras sobre as percepções ideológicas. Interpreto como os discursos¹ sobre o corpo, e pelo corpo, agenciam e reconstituem relações de cultura e de poder, muitas vezes, assimétricas. E como tais discursos representam cenários propícios para o desenvolvimento de estratégias em meio aos processos de adaptação de Steve, Peter e Robert, cidadãos ingleses que se mudam para a *Terra Brasilis* e alguns relatos de outras experiências sul-americanas. Finalizo, em uma pausa heurística, apontando como as experiências com alteridade e diversidade elaboram subjetividades nas intersecções entre gênero, migração e identidades culturais.

Palavras-chave: corpo; masculinidades; ingleses; língua; discursos.

INGLESIDADE VISUAL: ESTRATÉGIAS DE INGLESES NO CONTATO COM O OUTRO BRASILEIRO

Se permutados os nomes das cidades de Nova Iorque e João Pessoa, capital paraibana no nordeste litorâneo do Brasil, o efeito de **inglesidade** sentido pelo cantor inglês Sting e expresso musicalmente não seria diferente. O mundo

¹ Os nomes dos entrevistados, esposas, amigos e outros que possam ter sido veiculados durante a narrativa foram modificados a pedido dos próprios. Utilizo alguns códigos na narrativa para indicar efeitos paralinguísticos a saber: [] pausa; [pl] pausa longa; [r] risos; [g] gargalhadas; [h] hesitação; [mt] mudança de tópico; [/] interrupção; sublinhado = entonação forte; negrito = outra língua diferente da escolhida para a entrevista.

contemporâneo tem permitido uma infinidade de leituras e releituras sobre o comportamento humano nas sociedades o que tende a se assemelhar com o advento das ondas globalizadoras. Quando falo em comportamento penso em formas de expressão linguística e corporal. Através da(s) língua(s) faladas manifesto opiniões, crenças, valores, ideologias. O corpo, do mesmo modo, é um **veículo** de comunicação. Nesse sentido, língua e corpo estão entrelaçados na comunicação de eventos culturais, do ponto de vista pessoal ou coletivo, da expressão do *ethos* de um povo. Voltando o foco para o corpo, este funciona como um dispositivo identificador de subjetividades e escolhas já que inscrições visuais como brincos, anéis, colares, tatuagens, formas e cores de vestimentas, estilo do cabelo e maquiagem localizam os sujeitos em grupos socioculturais:

eu vou sempre lembrar de quando eu estive aqui primeiro como estudante eu, meus traços físicos, eu parecia estrangeiro, mas eu vestia **bermuda, havaiana**, e nós íamos aos restaurante, naquela época a Libra, estava muito forte e nós pedíamos vinho ou champanhe, e nós agíamos como relaxados, você sabe, pessoas horríveis, um estudante, mas eles nos tratavam super bem porque eles achavam que nós tínhamos dinheiro, ou eles pensavam que eu tinha dinheiro, e eu ainda acho, eu ainda acho que isso acontece um pouquinho, eles, as pessoas pensam que eu tenho dinheiro e de um lado isso pode ser uma vantagem porque você é tratado ligeiramente melhor mas por outro lado é uma desvantagem porque você torna-se um alvo. (PETER. 2013)²

A noção do *self* que dispõe do pleno conhecimento sobre seus atributos físicos e as consequências dos mesmos é pungente nos discursos dos sujeitos que entrevistei. Mudanças sociais, em grupos ou individuais, podem ser estudadas à luz de análises linguísticas que se utilizam de elementos verbais e não-verbais. Norman Fairclough (2010) acrescenta que as análises textuais, em uma visão que promova intertextualidade e interseccionalidades, podem ser compostas de fontes linguísticas e fontes visuais, entre elas a **linguagem corporal**, esta última expressa através de uma infinidade de possibilidades que

² *I always remember when I was first here as a student I, my physical traits, I would look foreign, but I would wear **bermuda, hawaiana**, and we would go to restaurants, back then, the Libra was very strong so we would order wine or champagne, and I would act like a complete slob, you know, a horrible person, a student, but be treated very very well because they think I have money, or they thought I had money, and I still, and I still think that happens a little bit, they, people think I have money and on one hand it could be an advantage because you do get treated slightly better but on the other hand it's a disadvantage you can be targeted. (PETER. 2013)*

abrangem desde gestos às manifestações das presenças exteriores dos sujeitos. Nesse sentido, proponho uma análise multimodal, pois se vale de campos variados nos quais modos de expressões adversos são expressos e articulados, para se chegar a interpretação de um tema complexo. Aqui vou me valer da combinação entre os campos semânticos de língua e corpo para apontar como as expressões discursivas traduzem as vivências de cidadãos ingleses em meio aos brasileiros nos processos de apropriações culturais e identificações no território brasileiro e que utilizam o corpo como referencial. Por saber que tal análise não deve se ater somente às perspectivas crítico-discursivas procuro interseccionar os estudos de gênero e masculinidades, e fluxos humanos na busca de interpretações mais democráticas para questões complexas como estas.

Sandra Farganis (1997) expõe que as experiências de vida, no caso da autora sobre as mulheres, auxiliam na compreensão da constituição da **corporificação de gênero**, não somente do ponto de vista pessoal como também do coletivo. Me apoio nas experiências de vida de três ingleses entrevistados para minha pesquisa de doutoramento durante os anos de 2012 e 2013, como motivação para lançar uma vigilância epistemológica sobre a questão da relação corpo-estrangeiro. Através destas entrevistas, pude perceber que em alguns casos, os corpos estariam inscritos em modos de identificações étnicas e, através das quais, práticas socioculturais seriam desenvolvidas na relação com o/a brasileiro/a. As entrevistas foram realizadas na língua-mãe dos entrevistados, para tanto utilizo o recurso da nota de rodapé para expor o texto original. Apenas um entrevistado (Steve) optou pela língua portuguesa.

Os corpos são reflexos de práticas culturais e históricas e que constroem os sujeitos morfológica e socialmente através de simbologias e representações (VIDAL. 2005). Assim, penso que o corpo enquanto dispositivo concreto de representação é também **veículo** de discurso e informação, configurando ponto de identificação ou referência. Os traços identitários podem ser utilizados para compor identidades culturais e classificar os sujeitos, como afirma Tomás Tadeu Silva (2000). Acompanhando essa linha de raciocínio,

Kathryn Woodward (2000) menciona o corpo como pano de fundo no estabelecimento de fronteiras e definidor de identidades culturais. Para Sérgio Costa (2009), o corpo é território constituinte de relações de alteridade, diferença, racismo, preconceito, poder e dominação. Acima de tudo, o corpo pode ser elemento identificador. Mas de que forma?

Um exemplo seria por meio da produção de especificidades culturais e identitárias próprias, em outras palavras, a noção da presença em meio ao ambiente estrangeiro. São associações culturais que existem e sempre irão existir, já que o corpo, enquanto meio de significado e significação cultural, não pode, muitas vezes, dispor de invisibilidade: “não, eu não acho que, eu acho que eu sempre vou ter isso [atenção] devido a minha aparência física, não acho que vou jamais poder fugir dela”(STEVE. 2013)³. Não há escape do visual, a menos que se use uma fantasia, mas como não é este o caso a resignação quanto aos vestígios que escapam ao seu controle é o sentimento que lhe resta.

O que se sabe, se estuda, se compreende e se critica acerca do corpo é conhecimento culturalmente produzido então, uma vez inserido em uma cultura diferente o olhar sobre o próprio corpo ou sobre o outro corpo tende a ser reconstituído discursivamente. Contudo, Judith Butler (1990) alerta que a experiência discursiva também pode ser condicionada pela sociedade como forma de hegemonização e isso deve ser evitado.

Utilizando essa abordagem como fio condutor, a relação entre sujeito e sociedade é uma via de mão dupla, onde tanto o sujeito constitui a formação da prática social quanto a sociedade constitui a prática discursiva do sujeito. Estas são realizadas através do estabelecimento de símbolos que, por sua vez, são associados aos sujeitos, às identidades culturais e também às etnias, como aparece no relato de Steve ao mencionar sua experiência na Colômbia e como, na sua opinião, ele acreditava chamar atenção em relação aos habitantes locais: “[...] com esses traços de **viking**, alto, branco, cabelos ruivos, não tão comprido eu tava [...] (STEVE, 2012)”. As diferenças étnicas são, muitas vezes trazidas à

³ *No, I don't. I think I will always get that because of my physical appearance, don't think I could ever get away from it. (STEVE. 2013)*

baila na forma de marcadores distintos, não para aludir às dicotomias de superioridade ou inferioridade, mas para apontar sobre suas existências e convivências harmoniosas e identificações com as culturas. O marcador da etnia não pode ser obliterado nas relações migratórias, afinal, são pessoas que chegam falando inglês, com atitudes diferentes dos habitantes locais, alguns possuidores de pele e olhos claros. Muito raramente, os imigrantes irão se desligar por completo dos traços de sua cultura de origem. E, em algumas situações, suas características físicas podem, potencialmente, ligá-los a determinado grupo étnico, uma vez que a pele pode ser vista como a fronteira étnica entre o eu e o outro.

Stuart Hall (1989) associa identidade cultural, sociedade e etnia já que as pessoas são reflexos de suas existências e dos locais de fala. Nesse sentido, a etnia é dinâmica, processual, dependente de contextos e também um jogo de identificações. Penso no corpo como étnico e que serve a função de dispositivo de reconhecimento. Fato que pode configurar propósitos negativos pois, cidadãos locais se utilizam dos marcadores físicos para tirar proveito, por exemplo, de estrangeiros, como é caso da exposição feita por Peter ao descrever sua ida ao mercado do peixe:

[...] eu costumava ir, nós vamos algumas vezes ao mercado em Cabedelo para comprar peixe ou algumas vezes para comprar frutas e agora, eu não vou, eu fico longe e minha esposa compra o peixe e a fruta porque se eu for [] o preço, quer dizer, minha esposa diz “quanto você pagou por isso?”, e eu digo “20 reais”. “Nããoooo Peter, você pode pagar 10 reais por isso!” (PETER. 2013)⁴

A estrutura física e individualizada do sujeito codifica e auxilia na atribuição simultânea de identidade cultural e de pertencimento a um grupo étnico através do recurso imagético que representa homem branco, estadunidense, australiano, canadense ou europeu e que advém do norte hegemônico, abastado e pronto para aqui deixar seus recursos financeiros.

⁴ *I used to go, we go sometimes to the **mercado** in Cabedelo to buy fish or go sometimes to buy fruit and now, I don't go, I stay away and my wife buys the fish and the fruit because if I go [] the price, I say, my wife says “How much did you pay for that?” and I say “20 reais”. “Nooo Peter, you can get that for 10 reais!”.* (PETER. 2013)

Enquanto espaço de relação de dominação, o sujeito não escapa ao seu corpo, não consegue, ou torna-se impraticável, eliminar aquilo que o identifica, que o destaca na multidão dos habitantes locais. Ele fica subjetivado a visão do outro, exposto etnicamente e indefensável de ações contra ele. O corpo e a consequente identificação são naturalizados juntamente com as ações que o acompanham. Se o valor da mercadoria é elevado em decorrência da origem do comprador é porque ele é **de fora** e **pode pagar mais**. As características exteriorizam o sujeito, impingindo-o uma segregação em determinados contextos. Inevitavelmente a identificação através de marcadores físicos será precedida por um sem número de negações do que, na verdade, o sujeito é e não é, estabelecendo-o no campo das semelhanças e diferenças e, como no caso supracitado, estabelecendo um binarismo entre o sujeito **migrante** e o sujeito **habitante local**. Neste caso, uma relação de poder instaura-se, onde o último exerce domínio **desleal** sobre o primeiro.

Os espaços geográficos ocupam a esfera da sociabilidade e também, de certa forma, influenciam sentimentos de pertença e as reconstituições das identidades culturais pois possibilitam mudanças nas suas relações e visões de mundo:

eu gosto do **Centro** em João Pessoa, e eu acho que eles melhoraram ele muito, a *Lagoa*, como se chama? Praça dos Cem Réis? Você sabe, perto do ... éhh [Ponto de Cém Réis] e eu vou te dizer o que eu gosto: o **Terceirão**, eu amo o **Terceirão**. Eu, meu filho, eu e meu filho vamos lá e passamos horas lá dentro, e mais uma vez, eu tento e negocio e pego boas coisas, éhh, funciona, eu gosto disso. Éh, o mercado do peixe, lá fui banido do mercado peixe! Mas no **Terceirão** eu me dou bem. E logo que eu cheguei em João Pessoa, era um lugar bem desagradável mas eles melhoraram ele. (PETER. 2013)⁵

Locais específicos, como o mercado do peixe, figuram na memória do indivíduo como o espaço onde não consegue simetria cultural, e seu corpo, que

⁵ *I like the **Centro** in João Pessoa, and I think they have improved it, the *Lagoa*, what is called? Praça dos Cem Réis? You know, near the... Yeah, and I will tell you what I like: the **Terceirão**, I love the **Terceirão**. Me, my son, me and my son go in there and spend hours in there, and again, I try and negotiate and I get good, yeah, it works, I like it. Yeah, the fish market, I'm banned from the fish market! But in the **Terceirão**, I can do OK. And when I first arrived in João Pessoa, that was quite nasty place but they've improved it. (PETER. 2013)*

por refletir sua origem, é traduzido como um dispositivo de relações desiguais financeiras e culturais. Por outro lado, o **Shopping Terceirão**, comércio popular localizado no centro da cidade e onde são vendidas mercadorias importadas e nacionais com preço inferior ao de outras lojas na cidade, é trazido como espaço de sociabilização familiar e também intercultural, ali ele se sente tão bem que aprecia estar em família realizando negociações mercadológicas.

Discursos hegemônicos que tomam o corpo no centro de ações estereotipadas ou preconceituosas não representam novidade na sociedade humana, porém estabelecem relações interpessoais assimétricas de poder entre os sujeitos, vítimas de tais manifestações. Por outro lado, promovem o desenvolvimento de estratégias, pautadas, em alguns casos, nas relações de gênero, afinal como apontam Raewyn Connel e James Messerschmidt “masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, portanto, podem ser diferenciadas de acordo com as relações de gênero em situações sociais particulares” (2005. p. 844). O corpo é marginalizado e a ação sobre ele naturalizada, porém artifícios planejados com base em suas experiências de vida, driblam ocorrências futuras:

o que não dividimos bem, eu confesso, é, são as coisas por fora. Em parte é cultural, em parte é pessoal, pessoal no sentido, eu não gosto de telefone, não gosto de usar, nunca gostei por motivos que já expliquei, eu acho. E também eu não gosto do sentimento, geralmente errado, provavelmente, de que ao ver esse gringo as pessoas vão aproveitar-se de mim. Por exemplo, fazer um conserto, um conserto de alguma caixa de música, ou qualquer coisa. Então, geralmente é Marina que faz isso. No máximo, eu acompanho ela [r]. E eu sinto isso, porque ela tem muitas preocupações, tem o trabalho, o doutorado, a mãe dela, as preocupações que ela mencionou agora contigo, da família, eu [] eu compartilho [compartilho] no sentido de que eu escuto, e eu tento dar uns conselhos mas [] é ela quem leva essa carga emocional e profissional lá fora. (STEVE. 2013)

A estratégia de Steve é a de não exposição. Nesse caso, quando necessita resolver questões cotidianas, a pessoa indicada é a esposa, Marina. Os atributos físicos de estrangeiros o expõem e o sujeitam fazendo do seu corpo um espaço de construção étnica de identificação e uso indevido das relações de

serviços. A relação estrangeiro-corpo-nativo é assimétrica e causa dissabores. Resignados, os estrangeiros que no Brasil habitam contornam os obstáculos com o apoio das companheiras na execução das tarefas em que eles seriam **submetidos** a tratamento desigual se fossem sozinhos.

Donna Haraway (1995) assinala que há uma necessidade pungente na realidade crítica moderna de lançar reflexões sobre as construções sociais de corpos e significados. Penso que não existe uma visão internalizada sobre sujeitos e corpos, mas sim uma visão particular socialmente construída, e que, simultaneamente, interpreta e corporifica sujeitos através de outros dispositivos, como por exemplo, os imagéticos, as memórias e também os discursos. Traço um paralelo entre os modos de enxergar a alteridade com base no olhar que o **nativo** lança sobre o outro estrangeiro, filtrado pela imagem que seu corpo transparece, na produção de sujeitos, (pré)conceitos, modos de subjetivação e novos posicionamentos subjetivos. Não obstante, esse olhar não percorre uma via de mão única, muito pelo contrário, o estrangeiro também lança seu olhar para o outro **nativo**, examinando a situação em que se encontra. Sobre se sentir alvo de interesse 'especial' obtenho esse comentário:

sim, talvez, talvez eles queiram algo de mim. Sim, eu tive, eu já tive essa experiência no Brasil, eu acho que eu tive essa experiência três dias atrás no centro. Eu estava no centro de João Pessoa e eu acho que um cara imediatamente veio pra mim, eu estava de óculos, eu parecia um pouco óbvio com esses óculos (apontando para os óculos), e ele me pediu dinheiro, somente pediu dinheiro, e eu falei com ele e ele deve ter pensando 'acho que tenho uma chance aqui'[r]. Quando ele ouviu meu sotaque e então ele queria dinheiro para uma viagem de ônibus e eu dei para ele, eu nem pensei duas vezes sobre isso, eu dei para ele. Eu lembro de olhar para ele e pensar comigo mesmo 'Você não precisa disso', você sabe, 'Você me parece um pouco instruído', 'Você parece bem vestido', você sabe. 'Eu te entendo perfeitamente', 'Você me parece bem-cuidado, você não precisa de dinheiro mas eu vou te dar, eu vou te dar a sua carona de volta para casa de ônibus, umhum', e eu dei para ele, eu dei alguns reais para ele pular no ônibus, pelo menos era isso que ele disse que iria fazer. Então é claro que ele, eu acho que ele virou, ele deu uma volta de 180 graus e andou umas 100 jardas e parou outra pessoa e pediu a mesma

coisa, eu imagino que tenha sido a mesma coisa [...] (ROBERT. 2013)⁶

Aqui observo uma dupla exploração nas relações interpessoais entre sujeitos desconhecidos um ao outro: se por um lado Robert atraiu a presença do pedinte pela sua imagem e indumentária de estrangeiro (óculos, boné), por outro lado sua língua o revelou legitimando a sua origem e, porque não, abrindo um maior espaço de ação do pedinte. Este último, por sua vez, não teve sua passagem pela vida de Robert de forma efêmera. Ao contrário, ele também foi alvo de especulações e reflexões.

Haraway (1995) aponta que a relação entre corpos e linguagem funciona como pano de fundo nas constituições de realidades sociais e que são negociadas e renegociadas pelos sujeitos contemporâneos. Assim sendo, a verdade não pode ser **corporificada** de forma una e homogênea, pois a mesma é fluída e permeada por noções de diversidade e alteridade. Segundo a autora, o corpo é agente e não recurso biológico de identificação. Connell e Messerschmidt (2005) apontam ainda que a relação entre integração, hegemonia e corpos funciona como uma prática constante na constituição de agências e agentes sociais traçando as vias em que corpo e conduta social trafegam. Nesse momento, a língua adentra o cenário de negociações com o objetivo de auxiliar na equalização entre sujeitos e relações:

você pode ser explorado, minha aparência física não ajuda, eu não pareço com um brasileiro e se você vai comprar alguma coisa o preço é normalmente o mais alto possível, ou sobe. Éh, eu diria que essa é a principal, mas, de novo, tão logo eles percebem que você pode falar a língua e tenta

⁶ *Yeees, maybe, maybe they want something from me. Yes, I've, I've had that experience in Brazil, I think I had that experience three days ago in the center! I was in the center of João Pessoa and I think a chap immediately came to me, I had my glasses on, I was looking kind of obvious in these glasses [pointing to the glasses], and he asked me for money, just asked me for money, and I spoke to him and he he must have thought 'I might have a chance here'[r]. When he heard my accent and then he wanted money for a bus trip I gave it to him, I didn't even think twice about it, I gave it to him, I remember looking at him and thinking to myself 'You don't need to take it', you know, 'You look a little educated to me', 'You look well dressed', you know, 'I understand you perfectly', 'You look well groomed, you don't need money but I will give you, I will give you your bus ride home, ahan' and I gave him, I gave him a couple of reais to jump on the bus, that's what he said he wanted it for. So 'course he, I think I think he turned away, he turned 180 degrees and he walked on 100 yards and he stopped another person and I asked for the same, I'd imagine the same thing [...]' (ROBERT, 2013).*

negociar eles reconhecem um pouco e eu acho que essa é a única desvantagem [de ser um inglês no Brasil], eu não sei. (PETER. 2013)⁷

Avtar Brah alerta que o corpo é fonte de racialização e que “[e os discursos sobre ele] seriam cruciais para a constituição dos racismos. E o poder racializador operava tanto no corpo como através dele” (2003. p. 03). Hall (2003) direciona sua reflexividade em uma busca do desaparecimento do corpo racializado e etnicizado, física e discursivamente. Muito embora esses discursos ainda existam e sejam observados pelos sujeitos:

éh, eu acho que é um problema [a questão do racismo], eu não consigo lembrar de casos específicos, mas se eu estivesse em uma loja ou em um restaurante e, por exemplo, eu chego na mesma hora que um, eu não sei o termo exato, mas um **moreno** ou uma pessoa de cor, dependendo de como você está vestido, do que você aparenta eu acho que eles me tratariam melhor do que ele. (PETER. 2013)⁸

Reflito que questionar discursos entre corpo e linguagem é colocar em xeque situações preconceituosas e que segregam sujeitos na contemporaneidade, além de promover o pensamento crítico-reflexivo sobre as complexidades das relações.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO ETNICIZADO

Noções de masculinidades estrangeiras – homens sempre educados, polidos, imperialistas, dentre outros atributos associados, por exemplo, aos anglo-saxões – que, por vezes, são tidas como estáveis nos cenários de diferenças culturais também servem como dispositivos de associação que fogem ao elemento visual corpóreo. Assim sendo, a interação entre culturas é terreno

⁷ *You can be exploited, my physical appearance doesn't help, I don't look like a Brazilian but if I go to buy something the price is normally the top price possible or goes up. Yeah, I would say that was probably the main, but, again, as soon as they, once they realize you can speak the language and try and negotiate they recognize a little bit and I guess this is probably, I think this is probably the only drawback, I don't know. (PETER. 2013)*

⁸ *Yeah, I think it's an issue, I can't think of any specific examples, but if I was in a shop or in a restaurant and say I arrive at exactly the same time as a, I don't know what the right term is, as a **moreno** or a coloured guy, depending on how you are dressed and how you look like I think they would treat me better than him. (PETER. 2013)*

fértil para a promoção de novos posicionamentos subjetivos. Percepções dos sujeitos em relação ao próprio corpo e aos corpos dos outros com quem convivem, em uma outra sociedade culturalmente diversa, são reconstituídas em cenários híbridos onde corpo e língua se entremeiam construindo novos olhares e modos de viver e conviver.

O corpo é uma barreira, muitas vezes, autoimposta que demanda superação. Necessita ser repensado para além do seu visual que, em determinadas condições, pode ser considerado fugaz, afinal o que visto hoje pode ser modificado amanhã, meu cabelo, do mesmo modo, pode sofrer modificações em tamanho ou em cores, e a pele, muito embora com mais dificuldade, também está na mira das mudanças, voluntárias ou involuntárias. A relação corpo-etnia não pode ser concebida como uma forma de localização, nem de gênero, nem de cultura, nem de religião, enfim, de nenhuma marca que estabeleça inserções de categorização. Enquanto forma física de expressão o corpo é liberdade de ação.

Referências

- FARGANIS, Sondra. **O Feminismo e a reconstrução da ciência social**. *IN*: JAGGAR, A.M. & BORDO, S. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: 1997. p. 221-240.
- BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora: Contesting Identities**. **Gender, Racism, Ethnicity Series**. New York: 2003.
- BUTLER, Judith P. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: 1990.
- CONNELL, R. W. & MESSERSCHMIDT, James W. **Hegemonic masculinity. Rethinking the concept**. *GENDER & SOCIETY, Sociologists for women in society*. v. 19, n. 6, December 2005. p. 829-859. Disponível em: <<http://gas.sagepub.com/content/19/6/829.short>>. Acesso em 12 set. 2012.
- COSTA, Sérgio. **Diferença e identidade: a crítica pós-estruturalista ao multiculturalismo**. *IN*: VIEIRA, Liszt (org). **Identidade e globalização**. Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural. Rio de Janeiro: 2009. p. 33-86.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis. The Critical Study of Language**. 2nd edition. Longman Applied Linguistics. London: 2010.
- HALL, Stuart. **Ethnicity: identity and difference**. *Radical America (online)* v. 23, n. 24. 1989. Disponível em: <<http://staff.washington.edu/theron/readings%202007%20cyprus/hall.pdf>>. Acesso em 31 mai. 2013.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Sovik, Liv (org). Belo Horizonte: 2003.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu (online). v. 5, 1995. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009-083336haraway.pdf>>. Acesso em 19 out. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *IN: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: 2000. p. 73-102.

VIDAL, Margarita Zárate. **Cuerpos, masculinidades y antropología, a propósito de la 'construcción de la(s) masculinidade(s)**. *IN: MONTESINOS, Rafael (coordinator). Masculinidades emergentes*. México: 2005. p. 79-106.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. *IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: 2000. p. 07-72.

SOBRE A AUTORA

Possui mestrado em Linguística pela UFPB (2009). Atualmente é professora de língua estrangeira do IFPB. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: ESP, EFL, Multimodal Texts, Systemic-functional Linguistics, Female Aspect, Discourse Analysis, Gênero, Migrações. Cursa doutorado na UFSC com área de concentração em gênero e é professora elaboradora e formadora de Inglês Instrumental do projeto TICs e Letras a Distância do IFPB.